

Ensaio

É possível a colaboração entre universidade e empresa?

Ana Petry

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Duas excelentes criações humanas. A universidade nasce da tensão intrínseca do homem em entender o mundo e a si próprio. A empresa nasce das necessidades concretas da vida cotidiana. Dois mundos complementares, mas separados por um particular abismo: largo cinquenta centímetros, profundo em vários quilômetros.

Esse distanciamento tem consequências para ambos. Na empresa são abundantes as iniciativas, a capacidade de execução, o foco em seus propósitos. Mas, ela se perde na falta de suporte racional, de uma adequada cultura histórica da sua prática e às vezes tenta reinventar a roda. Frequentemente é ingênua e cientificamente, superficial nos conceitos. Na universidade são abundantes os saberes, tanto conhecimento produzido em séculos por grandes mentes que, sem dúvida, potencializariam as ações da empresa. Mas, a universidade anda descompassada com a realidade externa; frequentemente é orgulhosa, egocêntrica. Se a empresa estivesse mais próxima da universidade saberia que estatísticas apontam tendências, não evidenciam as

causas. Se a universidade estivesse mais próxima da empresa, saberia que tudo o que se faz deve ter uma utilidade, uma função, um valor para um fim válido anteriormente proposto.

Há ainda outras consequências. No âmbito tecnológico, as empresas compram conhecimento de outros países; no âmbito da gestão e administração nasce um mercado de serviços produzidos sem nenhum rigor científico e consumidos abundantemente pelas empresas; no mundo acadêmico aumenta o isolamento e a asfixia pela ausência do oxigênio da interação e inovação.

Citam-se diversas causas para essa incomunicabilidade. A universidade acusa a empresa de investir pouco. A empresa acusa a universidade de academicismo. E as instituições criadas para mediar o problema acusam a burocracia dos órgãos governamentais que atravancam os projetos envolvendo ambas as entidades. Sim, existem esses problemas. Porém, quando se busca realizar algo unicamente através das instituições, públicas ou privadas, o caminho já parte sem saída. É uma forma de a responsabilidade individual ocultar-

se, eximir-se. É preciso lembrar que as instituições somos nós, as pessoas que as representam, que atuam, trabalham.

São os indivíduos de ambos os lados que dificultam o diálogo: a rigidez e a resistência dos intelectuais frente a novas necessidades e novas abordagens; o imediatismo e a pressão dos empresários por resultados e por produtos rapidamente vendáveis. Interessantes iniciativas naufragam exatamente quando os agentes envolvidos retiram-se como indivíduos e deixam entrar “as instituições”. É uma expectativa ingênua de que algo possa funcionar sem que uma pessoa coloque a força, a vontade, a decisão.

Os indivíduos são os primeiros agentes da incomunicabilidade, portanto, é a vontade desses mesmos indivíduos que pode realizar uma aproximação. Não a empresa, mas, o empresário com curiosidade científica. Não a universidade, mas, o intelectual com disponibilidade e abertura para o mundo da ação.

Vale recordar que um dos momentos de maior desenvolvimento econômico e científico se deu exatamente em um período em que saber e fazer não se encontravam em lados opostos. Antes, no Renascimento, não eram coisas distintas, pois o interesse pelo desenvolvimento humano e das suas sociedades unia ideias e homens. Pensemos em Gutenberg que foi, ao mesmo tempo, o cientista inovador e o empresário construtor. Inspirado no ofício de ourives do pai, cria os tipos móveis para a impressão. A novidade mecânica cria uma nova economia; exige matéria-prima, manufatura, mão de obra, serviços. Anos mais tarde, continua a produzir riqueza, agora para Aldo Manuzio que funda a tipografia mais

importante do seu tempo e responsável por sistemas de impressão que são usados até hoje. Gutenberg fez a sua ciência e Manuzio a sua economia. Dois indivíduos. Ambos serviram a sociedade, geraram emprego, tributos e favoreceram para que as artes e a cultura fossem preservadas, desenvolvidas e difundidas. Era o ápice da Sereníssima e da conjunção de saber e prática que evoluiu toda a sociedade.

Felizmente, há iniciativas individuais que apontam para uma aproximação desses dois mundos; talvez ainda singelas, mas seguramente potentes dentro de alguns anos.

Antecipadamente me desculpo pelo incômodo que o quanto dito pode gerar em ambos os lados, mas creio que esse incômodo já conviva quotidianamente conosco.

Superar esse passo de distância entre universidade e empresa é um dos movimentos necessários para a construção de uma economia e de uma sociedade melhores, uma vez que saber e fazer, juntos, podem gerar a instrução, a pesquisa e a inovação útil a todos.

Autora:

*Ana Maris Petry: Mestre em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; consultora empresarial empresa Perfil (SP), psicóloga, professora convidada dos cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* MBA e Especialização da Faculdade Antonio Meneghetti.*